

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA DE PONTA DELGADA: O CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA O CONHECIMENTO DE UM MONUMENTO IDENTITÁRIO

João Gonçalves Araújo¹, N'Zinga Oliveira²

RESUMO

O convento Nossa Senhora da Esperança localiza-se na cidade de Ponta Delgada e assume-se como um dos principais conjuntos patrimoniais do arquipélago dos Açores. O espaço foi alvo de uma intervenção arqueológica entre 2015 e 2016 no âmbito de um projeto de restauro e reabilitação. Os resultados alcançados permitiram detetar diversas fases de ocupação entre os séculos XVI e XIX, particularmente intensas a partir da segunda metade do século XVII e inícios do século XVIII, época em que surge o culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres. O convento de Nossa Senhora da Esperança foi um dos poucos que sobreviveu na ilha ao decreto de extinção das ordens religiosas, mantendo, em parte, a sua função original até à atualidade.

Palavras-chave: Arqueologia Moderna e da Expansão Portuguesa, Arqueologia Contemporânea, Convento de Nossa Senhora da Esperança, Ponta Delgada, Açores.

ABSTRACT

The Nossa Senhora da Esperança convent located in Ponta Delgada city is one of the main cultural heritage sites of the Azores islands. An archaeological evaluation was carried between 2015 and 2016 as part of a project of restoration and rehabilitation. The results achieved allowed to disclose an occupation range between the 16th and 19th centuries, particularly intense from the second half of the 17th and the beginning of the 18th centuries, when the cult of Senhor Santo Cristo dos Milagres began. The convent of Nossa Senhora da Esperança was one of the few that survived on the island, after the decree of extinction of the religious orders, maintaining its original function until today.

Keywords: Modern Era Archaeology, Contemporary Archaeology, Convent of Nossa Senhora da Esperança, Ponta Delgada, Azores.

1. INTRODUÇÃO

O convento de Nossa Senhora da Esperança, monumento nacional desde 1953 (Decreto n.º 39 175, de 17 de abril de 1953), localiza-se na cidade de Ponta Delgada, ilha de São Miguel, arquipélago dos Açores (Figura 1). A intervenção arqueológica realizada neste convento foi requerida como medida de proteção e salvaguarda do património arqueológico pela Di-

reção Regional da Cultura da Região Autónoma dos Açores, de acordo com a legislação em vigor, no seguimento do projeto: Convento de Nossa Senhora da Esperança – Conservação, Restauro e Reabilitação. A intervenção arqueológica decorreu entre 2015 e 2016, abrangendo as áreas em torno da capela do Senhor Santo Cristo dos Milagres e do coro-baixo, o claustro, a antiga cozinha conventual e o armazém, futuro centro de apoio aos peregrinos.

1. CHAM – Centro de Humanidades, FCSH/NOVA – UAc; araujo.jng@gmail.com

2. CHAM – Centro de Humanidades, FCSH/NOVA – UAc; nzinga.oliveira@gmail.com

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Os primeiros conventos de clarissas nos Açores datam do início do século XVI, multiplicando-se ao longo desse século e do seguinte, acompanhando a tendência geral do reino. A proliferação de casas religiosas reflete a estratégia familiar de concentração de bens em alguns descendentes, recorrendo ao enclausuramento de membros da família, sobretudo do sexo feminino (Costa, 2008, p. 188). No caso do convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada, essa estratégia é clara, acolhendo elementos femininos das elites da cidade e da ilha.

Para nos inteirmos das circunstâncias que envolvem a sua fundação devemos recuar à fundação do convento de Nossa Senhora da Conceição de Vale de Cabaços, no início do século XVI. Devido à ameaça constante da pirataria, pelo facto de se localizar muito próximo do mar, o edifício acaba por ser abandonado, tendo uma parte das religiosas ido fundar o convento de Santo André, em 1533, em Vila Franca do Campo, e a outra o convento de Nossa Senhora da Esperança, em 1541, em Ponta Delgada. O antigo convento ficou desocupado desde então até 1663, aquando da sua conversão em cenóbio masculino (Campos, 2017, p. 263).

Rui Gonçalves da Câmara, capitão do donatário da ilha de São Miguel, e sua mulher, D. Filipa Coutinho, patrocinaram a construção do convento de Nossa Senhora da Esperança, a primeira casa de clausura feminina de Ponta Delgada, em terrenos doados por Fernão de Quental e sua mulher na zona ocidental da cidade. A construção do convento inicia-se em 1535, ano em que faleceu o próprio capitão do donatário (Sousa, 1986, p.209), tendo ficado responsável pela continuação dos trabalhos sua mulher. A mudança das religiosas terá sido feita a 23 de abril de 1541, ou 1540 segundo Gaspar Frutuoso (2011³, p. 306).

Numa primeira fase, o convento terá sido relativamente modesto, constituído por pouco mais do que a igreja, um dormitório e o claustro. À época albergava apenas oito religiosas e quatro noviças (Monte Alverne, 1961², p. 72) ascendendo a 25 religiosas e cinco noviças no final do século XVI (Frutuoso, 2011³, p. 175). Para o início do século XVIII as fontes refletem o grande crescimento que o convento terá sofrido, contando já com 102 feiras professoras em 1723 (Cordeiro, 2007², p. 138). Tal impulso estará em parte relacionado com a crescente importância do culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres, iniciado na

viragem do século XVII para o XVIII (Ataíde, 2011, p. 10). Atualmente o convento constitui-se como um complexo arquitetónico de dimensões significativas, tendo-lhe sido acrescentado vários espaços e elementos arquitetónicos de relevo ao longo dos séculos, em linha com outros conventos femininos micaelenses (França, 2019).

3. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A metodologia utilizada na intervenção arqueológica que abaixo descrevemos segue, no geral, as metodologias propostas por Edward Harris (1989²) e Philip A. Barker (1993³), adaptadas ao sítio em questão e com a particularidade de se tratar não de uma escavação em área aberta (*open area*), mas sim da realização de várias sondagens arqueológicas em distintas áreas do espaço conventual, seguindo as diretivas da Direção Regional da Cultura dos Açores e do próprio projeto de restauro e reabilitação (Araújo e Oliveira, 2020). Irei-nos debruçar neste artigo sobre os três setores intervencionados que nos forneceram dados arqueológicos de maior relevo. São eles: a capela do Senhor Santo Cristo e coro-baixo; o claustro; e a cozinha conventual.

4. A CAPELA DO SENHOR SANTO CRISTO E CORO-BAIXO

O coro-baixo constitui um dos mais importantes espaços do convento de Nossa Senhora da Esperança. Foi alvo de várias intervenções ao longo dos séculos, resultando num significativo enobrecimento artístico, recorrendo sobretudo à azulejaria portuguesa, destacando-se, para o efeito, os interessantes painéis setecentistas da autoria de Oliveira Bernardes (Simões, 1963, p. 104-108). O coro-baixo é indissociável da imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres e do incremento do seu culto, numa primeira fase no seio da comunidade religiosa, alastrando-se rapidamente à população em geral. A tradição refere que a imagem do *Ecce Homo*, conhecida por Senhor Santo Cristo dos Milagres, foi oferecida pelo Papa Paulo III aquando da atribuição da *Bula* concedida para a fundação do convento de Nossa Senhora da Conceição de Vale de Cabaços (Ataíde, 2011, p. 182). Esse relato é, contudo, pouco credível. Na verdade, salientamos, entre outras questões, o facto de alguns especialistas em arte sacra do período em questão datarem a imagem do início do século XVII, ou seja,

cerca de 100 anos posterior à data de fundação do referido convento (*apud* Sá, 2017, p. 35).

A imagem terá estado na ermida de Nossa Senhora da Paz, no interior da cerca do convento, tendo passado depois, algures durante o século XVII, para um pequeno altar existente no coro-baixo (Moreira, 2000, p. 89). Teresa da Anunciada, uma religiosa que ingressou no convento na segunda metade do século XVII, tendo realizado os votos religiosos em 1682 (Ataíde, 2011, p. 194), é a grande responsável pelo início do culto, tendo sido ela a promotora de alguns melhoramentos no altar da imagem. É a partir de 1690, sob o patrocínio e proteção dos condes da Ribeira Grande, que a dedicação à imagem e enobrecimento da mesma se intensificam (Ataíde, 2011, p. 195-196).

Consequentemente, é construída a primeira capela do Senhor Santo Cristo, ao fundo do coro-baixo, entre 1697 e 1698 (Moreira, 2000, p. 89-93). Contudo, pouco tempo depois inicia-se a construção de uma nova capela, maior, concluída entre 1702 e 1703. Terá sido no período entre a construção da primeira e da segunda capela que se começou a realizar a procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, algures entre 1698 e 1701 (Soares, 2018, p. 89). A atual capela do Senhor Santo Cristo dos Milagres data já do terceiro quartel do século XVIII, tendo sido concluída em 1771. A par da capela, foi criado um jardim a ela diretamente associado, a sul, como forma de garantir um fornecimento constante de flores.

4.1. Sondagens arqueológicas

Neste setor foram realizadas nove sondagens arqueológicas. As sondagens permitiram-nos conhecer as dinâmicas de ocupação de toda a área intervencionada, revelando distintas fases de ocupação, grosso modo entre a segunda metade do século XVI e a atualidade. Destacaram-se duas sondagens pelos contextos arqueológicos nelas identificados, as sondagens 02 e 07. As restantes revelaram-se pouco esclarecedoras para as fases de ocupação mais antigas (séculos XVI-XVIII), embora nos tenham fornecido interessantes dados para a ocupação dos espaços exteriores contíguos ao coro-baixo e à capela para cronologias posteriores à segunda metade do século XVIII.

As sondagens em questão demonstram realidades muito semelhantes, quer do ponto de vista estratigráfico, quer do ponto de vista cronológico. Ambas foram implantadas na área central da capela, uma no lado norte (sondagem 02) e a outra no lado sul

(sondagem 07), com o objetivo de se obter informação relativa às fundações da estrutura. Desse modo, expuseram-se as fundações da capela e da sacristia a ela anexa, a poente, revelando alicerces constituídos por pedras irregulares de média e grande dimensão, sem argamassa ligante, atingindo profundidades de cerca de 1,20 m.

Os níveis superficiais adjacentes apresentaram, em ambos os casos, características típicas de contextos de jardim, no que concerne aos sedimentos e tipo de artefactos neles existentes. São níveis constituídos por sedimento de grão médio, pouco compactos e com tonalidades que variam entre o castanho-médio e o castanho-escuro, apresentando-se ricos em raízes de plantas. O espólio arqueológico recolhido resume-se a elementos osteológicos de origem animal e algum espólio cerâmico, em ambos os casos com elevados graus de fragmentação. Nesses níveis superficiais, os materiais dos séculos XIX e XX, mais abundantes, encontravam-se lado a lado com materiais dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Sob esses níveis de jardim foram identificadas duas grandes estruturas negativas preenchidas por níveis sedimentares de origem antrópica, dos quais foi recolhido abundante espólio arqueológico. Esses níveis caracterizam-se por apresentarem sedimentos de grão médio a grosseiro, pouco compactos, com tonalidades dentro da gama dos castanhos-escuros. Apresentavam alguns vestígios de materiais de construção, nomeadamente fragmentos de telhas, argamassas, rebocos e alguns nódulos de cal. Ambas as bolsas foram escavadas nos níveis geológicos e serviram como lixeiras do convento numa área que, até então, aparenta ter sido utilizada como área de deposição de resíduos. É nessa lógica que se justifica a existência de um extenso espólio cerâmico, assim como abundantes vestígios osteológicos de origem animal, resultantes do consumo alimentar. A utilização desta área do convento como lixeira terá sido interrompida pela construção da capela, resultando numa expectável dignificação do espaço exterior circundante.

Dos materiais exumados desses níveis destacamos algumas peças completas e outras que, estando fragmentadas, permitiram uma reconstituição quase integral. Os materiais arqueológicos, especialmente os cerâmicos, apontam para uma cronologia entre a segunda metade do século XVII e inícios do século XVIII. Destaca-se a cerâmica comum de origem local/regional, nomeadamente as formas de cozinha como as panelas (Figura 2, n.º 1 a 6) e os alguidares. É

também de destacar alguma loiça de mesa, sobretudo púcaros (Figura 3, n.º 2 a 7), tacinhas e pratinhos/especieiros (Araújo & Oliveira, 2017, p. 91-92), e formas de armazenamento e transporte, nomeadamente uma botija decorada com linhas onduladas incisas. A presença de cerâmica comum importada do reino e de cerâmica vidrada é pouco significativa, atingindo valores em torno dos 4,5% e 7,5%.

A faiança portuguesa recolhida nesses contextos revelou-se particularmente importante para a atribuição cronológica, constituindo percentagens mais significativas, entre os 9,5% e os 17,5%. Destacamos algumas peças com decoração a azul-cobalto sobre esmalte branco, como é o caso de um prato com aranhões, uma tigela decorada com o motivo da Espada-Cruz da Ordem de Santiago e outras duas tigelas decoradas com o tema semicírculos concêntricos. Mais frequentes são as peças com pintura a azul-cobalto e vinoso (óxido de manganês), nomeadamente um prato com contas e motivos fitomórficos (Figura 4), um prato com o tema pêssegos e fitomórficos, um prato decorado com um brasão associável à família Silva ou Bettencourt na superfície interna do fundo e um prato com decoração epigráfica a manganês na superfície interna da peça. Recolheu-se também uma tigela de faiança totalmente branca que se inclui nas produções mais tardias de faiança portuguesa, devendo corresponder a um exemplar do final do século XVII ou inícios do XVIII (Casimiro, 2013, p. 362-366) (Fig. 343). Todos esses elementos apontam para um horizonte cronológico comum, situado na segunda metade do século XVII, podendo, em alguns casos, alargar-se até ao final desse século e início do XVIII.

Foram também recolhidos alguns exemplares de produções de azul sobre azul. Um dos exemplares aparenta corresponder às produções sevilhanas, com paralelos registados nos açores datados do século XVII (Bettencourt *et alii*, 2013, p. 35). Contudo, não colocamos de parte a possibilidade de se tratar de uma produção italiana, veneziana ou lígure, ou mesmo lisboeta (Cardoso & Batalha, 2017, p. 150-155). Destacamos ainda dois fragmentos de faiança azul sobre azul de provável origem norte europeia, inglesa ou holandesa, datável da segunda metade do XVII e primeira metade do XVIII (Ferreira, Machado & Casimiro, 2017). Foi também recolhido um fragmento de porcelana chinesa decorado na superfície externa com motivos vegetalistas e pêssegos a azul-cobalto sobre esmalte branco brilhante. O frag-

mento é pequeno e por isso de difícil atribuição cronológica, mas deverá corresponder a produções da segunda metade do século XVI ou da primeira metade do século XVII (Pinto Coelho, 2008, p. 102-110). Além da cerâmica utilitária foi recolhido um fragmento de azulejo com pintura a azul e amarelo sobre esmalte branco, correspondente a um azulejo de friso do tipo F2 da tipologia de azulejos portugueses registados nos Açores e na Madeira por João Miguel dos Santos Simões (1963, p. 74). Destacamos, por fim, alguns elementos metálicos de interesse, nomeadamente uma chave de ferro e um anel em liga de cobre que, a nosso ver, poderia ter sido originalmente de bronze dourado, apresentando vestígios de ter possuído uma pedra no topo (Figura 5).

5. CLAUSTRO CONVENTUAL

O claustro assume-se como um dos mais característicos elementos do convento, organizando topograficamente os seus outros espaços. O atual claustro, pela sua tipologia e elementos arquitetónicos, deverá datar do século XVIII, embora a sua origem remonte à fase inicial do convento (século XVI). Trata-se de um claustro com fachadas de três pisos separados por cornija. O piso térreo apresenta arcadas de arcos abatidos em cada ala, com pavimento de lajes e cobertura em falsa abóbada de arestas. Os vãos são retilíneos ou abatidos e as molduras terminadas em cornija contracurvada. O segundo e terceiro andares apresentam janelas de sacada, com moldura em cantaria encimada por friso e cornija contracurvada. Nas alas nascente e poente o terceiro andar encontra-se recuado, criando uma varanda protegida por guarda de balaustrada em cantaria. O pavimento da área central do claustro apresenta-se revestido por lajes em rocha vulcânica (ignimbrito), quadrangulares e retangulares. Ao centro existe um chafariz com tanque de planta circular. Em anteriores obras, realizadas em data incerta, foi recuperada uma pia esculpida em pedra vulcânica, com a seguinte inscrição: “MANDOV F / AZER ES / TA OBRA / A SORA / DONA / FELIP / COUT /... A...”. Esta pia é, portanto, associável à fundadora da casa religiosa, encontrando-se exposta atualmente no pequeno núcleo museológico existente na antiga cozinha conventual.

5.1. Sondagens arqueológicas

Neste setor foram realizadas três sondagens arqueol-

lógicas, todas elas na metade poente do claustro. As sondagens permitiram-nos conhecer as dinâmicas de ocupação da área intervencionada, confirmando-se distintas fases de ocupação deste espaço, grosso modo entre meados do século XVI e a atualidade.

Dos elementos estratigráficos identificados destacamos os que se relacionavam com a própria estrutura do claustro, nomeadamente as fundações e respetivos reforços estruturais. Outros elementos dignos de realce são as condutas de água e canalizações, em pedra ou cerâmica, desativadas ou ainda em utilização. Os níveis arqueológicos podem ser agrupados pela sua natureza e cronologia. Os superficiais relacionam-se, naturalmente, com o atual pavimento do claustro, sendo muito provável que anteriormente tenham existido outros pisos. Sob esses níveis identificaram-se outros correspondentes a aterros realizados ao longo dos séculos XVII e XVIII. Foram ainda identificados vestígios dos níveis arqueológicos mais antigos que remontaram ao século XVI e inícios do XVII, assumindo-se como os níveis mais antigos identificados durante toda a intervenção arqueológica.

Na sondagem 01 do claustro destacamos a existência de duas condutas de água. Uma delas datará do século XVIII, ou mesmo já do XIX, construída em argamassa de terra e pedra miúda e coberta por lajes retangulares. Esta conduta sobrepõe-se a uma canalização em cerâmica, anterior, envolta em argamassa de cal e areia grosseira, que se desenvolve no sentido sudoeste/nordeste, encontrando-se interrompida na zona central da sondagem. Esta conduta deverá ser uma das mais antigas na medida em que a ela encontrava-se associado um nível arqueológico com materiais que apontam para uma cronologia em torno do século XVI ou inícios do XVII.

Destacamos também a identificação de uma estrutura negativa escavada no nível geológico, preenchida por um nível de sedimento de grão fino, pouco compacto e escuro. Os materiais arqueológicos apontam para uma cronologia que andarà em torno de meados do século XVII.

Do espólio arqueológico recolhido, salientamos um fragmento de bordo de botija correspondente a uma produção andaluza cronologicamente atribuível aos séculos XVI a XVIII (Gutiérrez, 2000, p. 58-60) e dois fragmentos de loiça importada do reino, nomeadamente um fragmento de alguidar e outro de púcaro com origem provável na região de Aveiro (Carvalho & Bettencourt, 2012, p. 736-739). Salien-

tamos ainda um fragmento de faiança portuguesa a azul e branco com decoração geométrica, datável da primeira metade do século XVII, e um fragmento de porcelana chinesa, com decoração vegetalista a azul-cobalto sobre esmalte branco brilhante.

Contudo, ao analisarmos o espólio proveniente deste contexto, o tipo de material que mais se destaca é o vidro. Foram recolhidos vários gargalos e bordos de garrafas, frascos e taças, bem como de várias outras formas não identificadas. O facto da maioria do vidro ser fino resultou num elevado grau de fragmentação dos materiais, facto esse que dificultou a identificação de várias formas. O vidro identificado apresenta várias colorações, variando entre o negro, o verde-garrafa, o verde-água, o azul-claro, o azul-escuro, o cinzento e o melado. Do mesmo modo, a decoração identificada é diversa, variando entre a pintura, a branco ou policroma e a modelagem.

Na sondagem 02 do claustro destacamos a identificação de outra conduta de água que liga a caleira perimetral do claustro à sua área central. Esta conduta é constituída por uma estrutura de pedra irregular coberta por lajes retangulares ligadas por argamassa de terra e cal. Cronologicamente deverá datar do século XVIII, possivelmente contemporânea da grande campanha de obras que conferiram ao claustro o seu aspeto atual. Além dessa conduta foi identificada uma outra mais antiga, desativada aquando da construção daquela, constituída por telhas de meia cana sobrepostas. Os materiais a ela associados apontam para uma cronologia anterior, em torno do século XVII.

Em relação aos níveis sedimentares identificados, destacamos um que deverá remontar ao século XVII, e um conjunto de estratos que preenchem uma grande estrutura negativa escavada nos níveis geológicos e que deverá datar da segunda metade do século XVII e inícios do XVIII.

Quanto ao espólio arqueológico recolhido, embora não tenhamos identificado um contexto estratigráfico preservado do século XVI, recolhemos alguns materiais que remontam à fase inicial de ocupação do convento, destacando, a título de exemplo, um fragmento de cerâmica vidrada correspondente às séries meladas de Sevilha datadas de finais do século XV e primeira metade do século XVI (Gutiérrez, 2000, p.51). Com efeito, o contexto mais antigo preservado nessa sondagem data já de meados do século XVII. Desse contexto, destacamos alguns exemplares de cerâmica comum de produção local/regional,

concretamente um alguidar e alguns fragmentos de formas de mesa como bilhas e púcaros (Figura 3, n.º 1). Destacamos também alguns fragmentos de alguidares vidrados a verde de provável origem sevillhana, muito característicos dos séculos XVI e XVII. Ainda dentro das produções espanholas, recolheu-se um fragmento de tigela/escudela que se insere no grupo de reflexos metálicos valencianos. A pequena dimensão do fragmento não permite uma atribuição tipológica e cronológica mais precisa, contudo parece corresponder a uma produção valenciana tardia datada dos séculos XVI ou XVII (Gutiérrez, 2000, p. 28-34).

Destacamos ainda um pequeno fragmento correspondente a uma produção marmoreada de Pisa (Itália) e dois fragmentos de porcelana chinesa com decoração vegetalista a azul-cobalto intenso sobre esmalte branco brilhante, possivelmente correspondentes a produções da segunda metade do século XVI e primeira metade do século XVII.

A sondagem 03 do claustro foi implantada na área central, próxima do chafariz. Nesta sondagem foi possível reconhecer-se a continuação da conduta de água setecentista identificada na sondagem 02, constatando-se que a mesma muda de direção, para sul, voltando a mudar de direção, para este. Julgamos que a estrutura estará ligada a um sumidouro que sabemos existir a sul do chafariz do claustro. O trajeto da conduta evidencia a intenção de contornar o chafariz, pelo que se conclui que este elemento remonta pelo menos à data de construção da conduta. Identificaram-se também vestígios da canalização de cerâmica assente em argamassa de cal e areia correspondente à continuação da canalização identificada na sondagem 01 do claustro.

Além dessas estruturas identificaram-se vários níveis estratigráficos reveladores de um assinalável dinamismo no que respeita às intervenções operadas neste setor. Os níveis a cotas inferiores correspondem a depósitos de sedimentos no interior da grande vala aberta na zona central do claustro. Estes níveis são estratigraficamente estanques, apontando para cronologias em torno do século XVII e inícios do XVIII.

A sondagem 03 do claustro destaca-se por ser a que forneceu a maior quantidade de material arqueológico. Para contextos do século XVIII, destacamos a base de um castiçal produzido em cerâmica comum local/regional, almagrada e com decoração incisa. Identificou-se também uma porção de uma forma

fechada, possivelmente um pote, com a superfície esmaltada a branco e pintada a azul-cobalto. Aparenta tratar-se de uma produção holandesa, na qual consta a representação de um indivíduo do sexo masculino com indumentária típica da época a fumar cachimbo (Figura 7). Foi ainda identificado o bordo de um prato de faiança industrial inglesa que se inclui no tipo *creamware*. Outra peça que se destaca no conjunto é um prato em porcelana chinesa oriundo da província de *Fujian*, no sul da China. Estas produções eram concebidas para o mercado interno chinês e caracterizam-se por serem decoradas na superfície interna da peça com traços vigorosos. O exemplar em questão apresenta a cena de um dragão a perseguir uma pérola em chamas, com um paralelo em território português datado de meados do século XVIII (Henriques, 2012, p. 930).

Os níveis arqueológicos existentes na base da grande vala correspondem a depósitos sucessivos de sedimentos e materiais arqueológicos, existindo a possibilidade de estarmos perante um fenómeno de estratigrafia invertida. Com efeito, os níveis superiores apresentam materiais arqueológicos cuja cronologia aponta, grosso modo, para o século XVII, enquanto os níveis inferiores aparentam datar da segunda metade do século XVII, ou até mesmo inícios do século XVIII. Consideramos esses intervalos temporais pouco expressivos na sua diferença, contudo não deixa de ser curioso constatar tal facto. Julgamos ser possível que tais níveis resultem de deposições de sedimento e materiais provavelmente oriundas de outras áreas do convento, com o objetivo de preencher a vala de modo a que sobre ela fosse possível construir-se a conduta de água central do claustro.

No que concerne aos tipos de cerâmica identificados nestes contextos mais antigos, a maioria corresponde, novamente, a cerâmica comum de produção local/regional, sendo as percentagens de cerâmica comum importada e cerâmica vidrada francamente minoritárias. Por sua vez, as faianças correspondem a cerca de 12,5% do total da cerâmica, destacando-se, sem surpresas, as produções portuguesas.

A título de exemplo destacamos um pote modelado de produção local/regional, um fragmento de tigela correspondente às produções de Montemor-o-Novo (Casimiro & Newstead, 2019, p. 148), uma tigela em cerâmica comum importada correspondente ao tipo 1A das produções de Aveiro (Carvalho & Bettencourt, 2012, p. 737), uma forma fechada vidrada a laranja na superfície interna da peça e verde

na superfície externa, com paralelos em Lisboa (Torres, 2011, p. 235) e um fragmento de um recipiente de cerâmica fina modelada, com pequena asa, correspondente a uma produção de Lisboa (Bugalhão & Pinto Coelho, 2017, p. 110).

Destacamos também três peças de origem europeia, concretamente uma taça de faiança azul sobre azul de provável origem sevilhana (Gutiérrez, 2000, p. 53-58), uma tigela/escudela correspondente às séries sevilhanas de azul linear, datadas dos séculos XVI e XVII (Gutiérrez, 2000, p. 53-58), e um fragmento de aba de um prato que deverá corresponder a uma produção italiana de *sgraffito*. Foi também recolhido o fundo de um prato de porcelana chinesa com representação de motivos geométricos e uma camélia, a azul e branco, devendo corresponder a uma produção de *kraak-porcelain*, datável do período *Ming* final ou *Wanli* (Pinto Coelho, 2008, p.117). Foram ainda recolhidos alguns alfinetes de cabeça em bronze/liga de cobre. Esse tipo de alfinetes era utilizado como elemento funcional na fixação dos tecidos utilizados como vestimentas. Contudo, é necessário referir que esse tipo de alfinetes surge igualmente, e em abundância, em contextos funerários, geralmente associados à fixação das mortalhas.

5.2. A cozinha conventual

A cozinha contemporânea da fase fundacional do convento, a julgar pela estrutura arquitetónica existente, localizar-se-ia na ala poente do claustro e o refeitório, quase sempre a ela associado, situar-se-ia provavelmente na ala norte do claustro, permitindo, dessa forma, a comunicação com o mesmo (Soares, 2018, p. 64). A atual cozinha conventual, mais recente, foi construída entre 1826 e 1828. Trata-se de uma divisão ampla e excêntrica em relação ao resto do corpo edificado do convento, com um forno central, relativamente exíguo, e uma chaminé de grandes dimensões, com dois contrafortes a norte, apresentando uma epígrafe com a data de 1828, referindo-se ao ano da sua conclusão.

5.3. Sondagens arqueológicas

As três sondagens arqueológicas realizadas neste setor foram implantadas ao longo dos lados sul e poente da cozinha. As sondagens 01 e 02 abrangeram a área exterior a poente e revelaram realidades arqueológicas relativamente simples. Foram identificados níveis que, na melhor das hipóteses, remontam à data de construção desse equipamento conventual,

não tendo fornecido espólio arqueológico digno de destaque. Vale a pena apenas ressaltar a identificação de várias estruturas subterrâneas de condução de águas, pluviais e residuais, que se relacionam diretamente com a cozinha e que conduziriam as águas para estruturas subterrâneas existentes na área exterior do convento. Uma ocupação prévia dessa área da cerca conventual é provável, certamente numa lógica agrícola, embora os vestígios materiais anteriores ao século XIX sejam residuais.

Destaca-se, porém, a sondagem 03, implantada no exterior do lado sul da cozinha. Tal como nas outras sondagens deste setor, identificou-se uma conduta de água subterrânea bem como elementos diretamente a ela associados, concretamente um sumidouro. Esse sumidouro apresenta claras semelhanças com as estruturas do género identificadas noutras áreas do convento, remontando, muito provavelmente, ao final do século XVIII ou inícios do século XIX. Identificaram-se também vestígios de antigos pisos relacionados já com a conversão desse espaço exterior em jardim, concretamente um pavimento de seixos rolados e vestígios de um outro piso anterior, constituído por bagacina vermelha.

Os restantes níveis arqueológicos, por sua vez, caracterizam-se por terem sido alvo de revolvimento e contaminação por intervenções posteriores, embora com distintos graus de afetação. Destacamos alguns contextos estratigráficos cuja cronologia aponta já para a segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX e um outro, testemunho da ocupação mais antiga registada nesta sondagem, cronologicamente enquadrável entre a segunda metade do século XVII e inícios do século XVIII.

Dos contextos da segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX destacamos algumas peças de produção local/ regional, concretamente um alguidar de grandes dimensões, uma bilha e uma garrafa. Foi também identificado nestes contextos um fragmento de haste de cachimbo de caulino. Em relação ao nível mais antigo, registamos a identificação de um fragmento de uma produção exógena, que julgamos poder ser de origem italiana, com pintura a óxido de manganês (castanho) sobre esmalte azul-turquesa, datável do século XVII.

6. CONCLUSÕES

O convento de Nossa Senhora da Esperança, pelo seu elevado valor artístico e patrimonial, material

e imaterial, assume-se como um conjunto cultural único no panorama regional Açoriano. A intervenção arqueológica em questão veio confirmar a excepcionalidade desse monumento, habitado ininterruptamente desde o século XVI.

O sector da capela do Senhor Santo Cristo e coro-baixo permitiu-nos conhecer as diferentes fases de ocupação desta área, tendo sido possível conhecer-se em grande medida a sua interessante dinâmica de utilização, particularmente intensa durante a segunda metade do século XVII e início do século XVIII como área de depósito de resíduos conventuais. Igualmente interessante foi também perceber a dignificação de toda essa área após a construção das primeiras capelas do Senhor Santo Cristo dos milagres. O setor do claustro conventual revelou-nos, igualmente, realidades particularmente ricas e elucidativas dos quotidianos conventuais, tendo sido nele identificados os contextos arqueológicos mais antigos. Também neste setor ficou claro que a partir de meados do século XVII se assiste a um intenso incremento no registo arqueológico, sendo um interessante indicador do crescimento significativo da população do convento durante esse período. Os materiais arqueológicos recolhidos nesses estratos são suficientemente representativos da riqueza das elites sociais micaelenses em época moderna, tendo sido recolhidos neles fragmentos com as mais diversas origens geográficas. O sector da cozinha conventual, por sua vez, não revelando realidades tão impactantes como os dois sectores anteriormente descritos, acabou por nos fornecer dados pertinente sobre os quotidianos de finais de setecentos e inícios de oitocentos.

O convento de Nossa Senhora da Esperança terá sido um convento importante desde a sua origem. Contudo, é na transição do século XVII para o XVIII que se verifica um crescimento exponencial da sua importância e influência na vida espiritual e secular da ilha. A evolução do espaço construído, bem como o progressivo enobrecimento artístico que se verifica ao longo do século XVIII são sinais dessa crescente importância, com reflexos claros no registo arqueológico.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, João Gonçalves; OLIVEIRA, N'Zinga (2020) – *Convento de Nossa Senhora da Esperança – Ponta Delgada: sondagens arqueológicas de diagnóstico da campanha de 2015-2016*. Ponta Delgada: Texto policopiado.

ARAÚJO, João Gonçalves; OLIVEIRA, N'Zinga (2017) – Fragmentos do quotidiano conventual: o contributo do espólio arqueológico do convento de Nossa Senhora da Esperança (séculos XVI-XIX). In CHAVES, Duarte Nuno, ed. – *Açores e Madeira: percursos de memória e identidade*. Velas: CHAM – Centro de Humanidades, Santa Casa da Misericórdia das Velas, pp. 85-103.

ATAÍDE, Luís Bernardo leite de (2011) – *Etnografia, Arte e Vida Antiga nos Açores*. Volume I. Edição Facsimile. Presidência do Governo e Direção Regional da Cultura.

BARKER, Philip (1993) – *Thecniques of Archaeological Excavation*. 3ª Edição. Taylor and Francis Routledge.

BETTENCOURT, José António; DÂMASO, Carla; PORTEIRO, Filipe; BRUNO, Jorge Paulus (2013) – *Histórias que vêm do Mar*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação, Ciência e Cultura, Direção Regional da Cultura, Museu de Angra do Heroísmo, Observatório do Mar dos Açores; Centro de História de Além Mar.

BUGALHÃO, Jacinta; PINTO COELHO, Inês (2017) – Cerâmica moderna de Lisboa: proposta tipológica. In CAESSA, Ana, et alii – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Departamento de Património Cultural, Direção Municipal de Cultura, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 107-145.

CAMPOS, Fátima. (2017) – *A Ordem das Ordens Religiosas: Roteiro Identitário de Portugal (séculos XII-XVIII)*. Caleidoscópio.

CARDOSO, Guilherme; BATALHA, Luísa (2017) – Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no largo de Jesus (Lisboa). In CAESSA, Ana et alii eds. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Departamento de Património Cultural, Direção Municipal de Cultura, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 147-181.

CARVALHO, Patrícia; BETTENCOURT, José António (2012) – De Aveiro para as margens do Atlântico: a carga do navio Ria de Aveiro e a circulação de cerâmica na Época Moderna. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António, eds. - *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume 2. Lisboa: CHAM – Centro de História de Além Mar, pp. 733-746.

CASIMIRO, Tânia Manuel; NEWSTEAD, Sarah (2019) – 400 years of water consumption: Early Modern pottery cups in Portugal. In *Ophiussa*. Volume 3. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 145-153.

- CASIMIRO, T. (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 16. Lisboa, pp. 351-367.
- CORDEIRO, António. (2007) – *História Insular das Ilhas da Portugal Sugeytas no Oceano Occidental*. 2ª edição facsimilada. Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura.
- COSTA, Susana Goulart. (2008) – A Igreja: implantação, práticas e resultados. In TEODORO DE MATOS, Artur; MENESES, Avelino de Freitas de; REIS LEITE, José Guilherme, eds. – *História dos Açores. Do Descobrimento ao século XX*. Volume I. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura. pp. 173-198.
- Decreto n.º 39 175, de 17 de Abril de 1953. *Diário do Governo – 1 Série – Número 77*. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa.
- FERREIRA, Luís Filipe Vieira; MACHADO, Isabel Ferreira; CASIMIRO, Tânia Manuel (2017) – Cerâmica portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea eds. – *Arqueologia em Portugal: 2017 – O Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1863-1872.
- FRANÇA, Igor (2019) – Os mosteiros femininos micalenses e a tipologia arquitetónica do torreão mirante. In CHAVES, Duarte Nuno, eds. – *Memória e Identidade Insular. Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*. Velas: CHAM – Centro de Humanidades; Santa Casa da Misericórdia das Velas. pp. 397-410.
- FRUTUOSO, Gaspar (2011) – *Saudades da Terra – Livro IV*. Terceira tiragem. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- GUTIÉRREZ, Alejandra (2000) – *Mediterranean Pottery in Wessex Households (13th to 17th centuries)*. BAR British Series 306. Oxford: Hadrian Books
- HARRIS, Edward (1989) – *Principles of archaeological stratigraphy*. 2ª Edição. Londres: Academic Press.
- HENRIQUES, José Pedro (2012) – Do oriente para ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António, eds. – *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume 2. Lisboa: CHAM, pp. 919-932.
- MONTE ALVERNE, Agostinho. (1961) – *Crónicas da Província de S. João Evangelista das ilhas do Açores*. 2ª Edição. Volume II. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- MOREIRA, Hugo (2000) – *o Convento de Nossa Senhora da Esperança. Imagem e culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres*. Ponta Delgada: Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres.
- PINTO COELHO, Inês (2008) – *A Cerâmica Oriental da Carreira da Índia no contexto da carga de uma nau – a presumível Nossa Senhora dos Mártires*. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: Texto policopiado.
- SÁ, Daniel de (2017) – O Senhor Santo Cristo dos Milagres e o seu Culto. In MELO, Pedro Pascoal de, ed. – *O Património Perto de Si: Entre o passado e o presente*. Ponta Delgada: CRESAÇOR, pp. 34-35.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos (1963) – *Azulejaria portuguesa nos Açores e na Madeira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SOARES, Hélio (2018) – *O Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: uma proposta de valorização patrimonial em diálogo com a comunidade*. Tese de Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento apresentada ao Departamento de História, Filosofia e Artes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. Ponta Delgada: Texto policopiado.
- SOUSA, Nestor (1986) – *A Arquitetura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- TORRES, Joana Bento (2011) – *Quotidianos do convento de São Francisco: uma análise à cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: Texto policopiado.



Figura 1 – Convento de Nossa Senhora da Esperança, em Ponta Delgada.

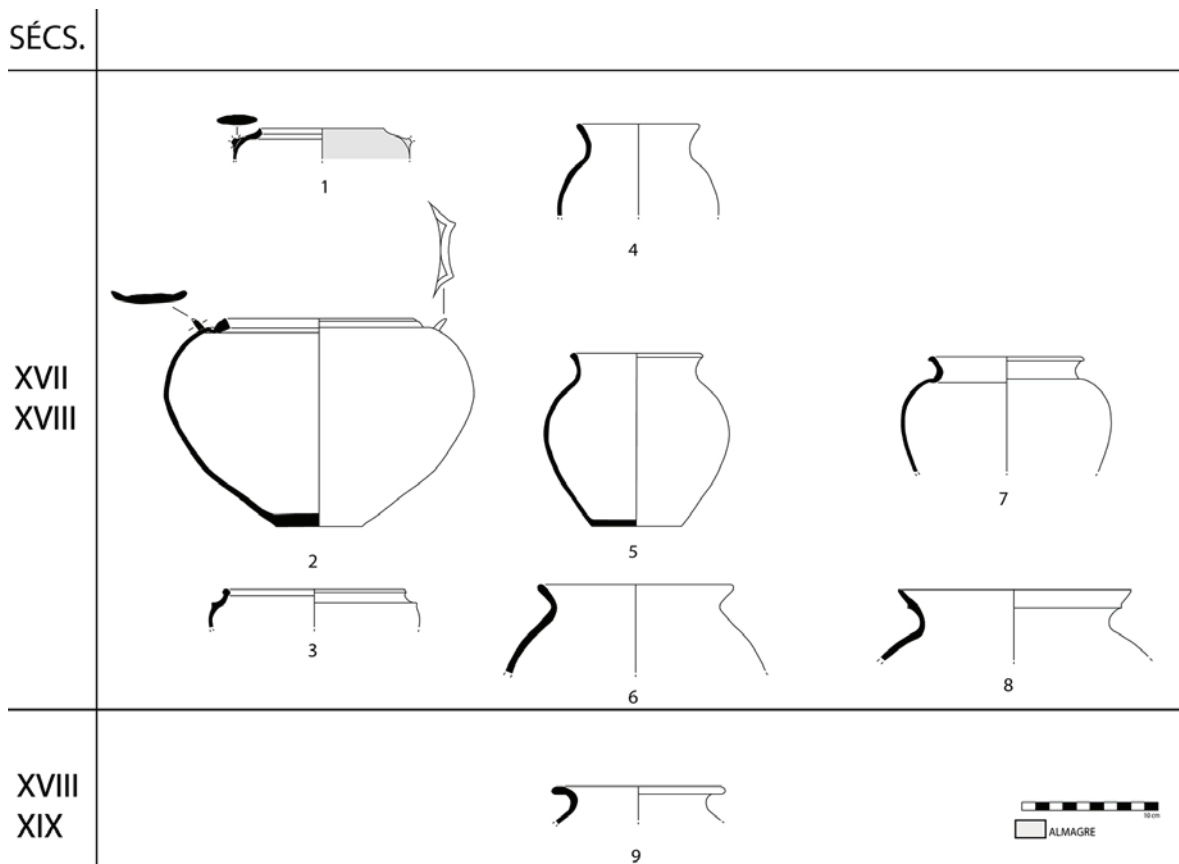


Figura 2 – Painéis de fabrico local/regional identificadas no convento de Nossa Senhora da Esperança (sécs. XVII-XIX).

SÉCS.

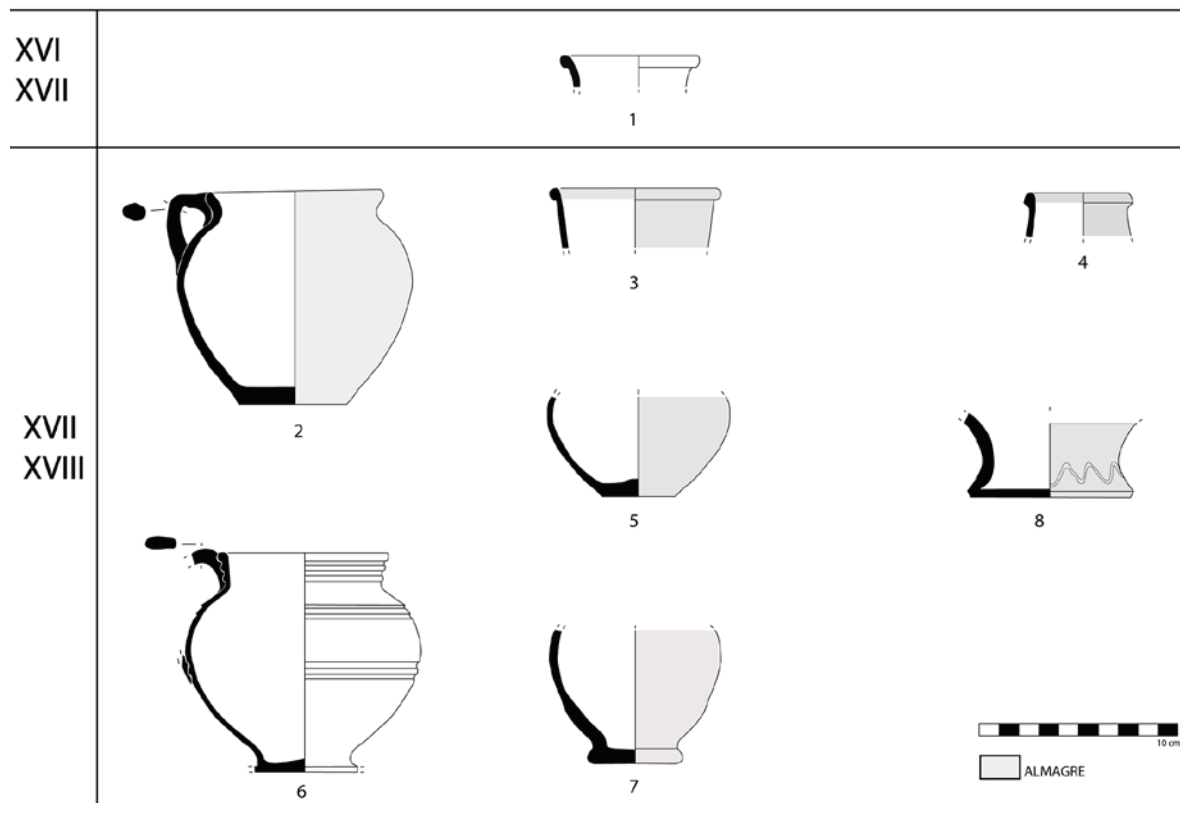


Figura 3 – Púcaros de fabrico local/regional identificados no convento de Nossa Senhora da Esperança (sécs. XVI-XVIII).



Figura 4 – Prato de faiança portuguesa com decoração a azul e vinoso recolhido na sondagem 02 do setor capela do Senhor Santo Cristo e coro-baixo.



Figura 5 – Anel em liga de cobre recuperado na sondagem 07 do setor capela do Senhor Santo Cristo e coro-baixo.



Figura 6 – Corte estratigráfico (este-oeste) da sondagem 03 do claustro.



Figura 7 – Fragmento de forma fechada de provável origem holandesa recolhido na sondagem 03 do claustro.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
municipal do porto

